

LIANA MELO

**S**e para os investidores internacionais o que faltava para olhar o Brasil com olhos menos críticos era uma opinião ilibada, não existe mais desculpa para continuar falando mal do País. "Para que ser pessimista? É um dos melhores momentos para ser otimista." O dono da frase não é nenhum petista de carteirinha nem mesmo um lulista convertido recentemente, mas, sim, o presidente do Banco Mundial (Bird), James Wolfensohn. O tom otimista do seu discurso não chegou a ser uma voz dissonante em meio aos 400 líderes internacionais que participaram, no Rio de Janeiro, da Cúpula de Negócios da América Latina.

Quando chegou, no fim da tarde da terça-feira 19, ao luxuoso hotel Sofitel, em Copacabana, na zona sul da cidade, Wolfensohn foi poupado de confrontar-se com os cerca de 70 manifestantes que, desde cedo, faziam plantão em frente ao hotel. "Não temos orgulho de sediar esse encontro. Essas pessoas são responsáveis pelas políticas que tanto mal fizeram ao Brasil e a toda a América Latina", protestava o coordenador do Comitê Rio do Fórum Social Mun-

**COBRANÇA SOCIAL** de William Rhodes, vice-presidente sênior do Citigroup (abaixo), e otimismo do presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, que se divertiu com integrantes da Mangueira



# A ESTRELA DE

dial, Luiz Behnken. A Cúpula é sim uma espécie de apêndice do Fórum Econômico Mundial – que se reúne anualmente em Davos, na Suíça. É a primeira vez, em 36 anos, que a reunião da Cúpula de Negócios da América Latina se reúne no Brasil. O presidente recém-eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, foi convidado para participar do encontro, mas preferiu não comparecer. Mandou em seu lugar a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy.

Mesmo ausente, o presidente eleito acabou sendo o foco de muitas das discussões. Sua eleição é vista por nove

**O novo presidente é "eleito", informalmente, o líder capaz de enfrentar desafios nacionais e regionais**

entre dez líderes mundiais presentes ao encontro como uma tábua de salvação para a América Latina, que vive um momento crítico. É que, aos olhos dos estrangeiros, a América Latina não oferece um ambiente bom para os negócios. Problemas como burocracia, falta de infra-estrutura, corrupção e ausência de recursos humanos capacitados são apontados como os principais empecilhos da região. "Os investidores não podem ver apenas os números financeiros. O Consenso de Washington (um conjunto de medidas liberais com ênfase na austeridade fiscal) morreu, dando lugar ao Con-



FELIX COSTA/ALP

ração de reformas para reduzir a pobreza que assola a região. Cerca de 37% dos latino-americanos vivem abaixo da linha de pobreza. "O que precisamos é criar uma nova arquitetura financeira internacional. Chega de pregar ajustes econômicos. Precisamos é de planos de desenvolvimento", criticou o ex-primeiro ministro da Espanha Felipe González. Ele está convencido de que o maior problema da região é que os governos locais se transformaram em reféns dos organismos internacionais. Caso típico é o da Argentina, que terá que escolher entre o colapso ou um grande calote, caso não consiga fechar um acordo com o FMI. "Se honrarmos as dívidas com as agências internacionais, em maio de 2003 estaremos sem reservas e não podemos deixar que isso aconteça", admitiu o secretário de Finanças do Ministério da Fazenda argentino, Guilherme Nielsen. O calote, na prática, já começou quando se deixou de pagar, ainda este mês, uma parcela de US\$ 800 milhões ao Bird. Foram pagos apenas US\$ 79 milhões relativos aos juros.

Apesar dos enormes problemas que a América Latina precisa enfrentar, os líderes internacionais presentes à Cúpula estão convencidos de que o presidente eleito, Lula, assumirá não só as res-

# LULA BRILHA...

senso de Santiago. Julguem o Brasil e os países da região não pelos seus números, mas por sua cultura e seu lado social", apelou Wolfensohn, numa tentativa de trazer de volta à região os investimentos estrangeiros.

Em meados dos anos 90, aplicavam-se na América Latina cerca de US\$ 40 bilhões; hoje, esses investimentos estrangeiros não passam de US\$ 20 bilhões. O castigo vem sendo dado sem dó nem piedade, apesar de os países latino-americanos terem seguidos à risca as recomendações liberalizantes e fiscalistas sugeridas pelos organismos

financeiros internacionais, com o Fundo Monetário Internacional (FMI) à frente. Todo o ajuste feito parece não ter sido suficiente. "É preciso que a América Latina faça uma segunda rodada de reformas estruturais, dando continuidade ao processo iniciado para que os benefícios cheguem a toda a sociedade", cobrou o vice-presidente sênior do Citigroup, o banqueiro americano William Rhodes. Fez coro nesse apelo o subsecretário de Economia, Comércio e Agricultura dos Estados Unidos, Alan Larson, que, assim como Rhodes, acredita ser necessário uma segunda ge-

ponsabilidades dos desafios nacionais, mas também dos regionais. "Precisamos de um líder para falar em nome da região e Lula pode ser esse líder", conclamou o diretor-geral da Cúpula, José Maria Figueres, presidente da Costa Rica entre 1990 e 1994. Restará a Lula, portanto, um duplo desafio: promover o desenvolvimento sustentado no País, reduzindo assim os índices de pobreza, e assumir o papel histórico de falar em nome da região. Lula ainda nem tomou posse, mas já está sendo novamente eleito, informalmente, para assumir a presidência da América Latina. ■

# ... E O SOCIAL ENTRA NA RODA

## Um coro internacional sai em defesa de avanços para amparar o crescimento econômico da América Latina

**DARLENE MENCONI**

**S**e não fosse pela brisa quente soprada do mar e pela vista do Pão de Açúcar, um dos cartões postais do Rio de Janeiro, o incauto que caísse na Cúpula de Negócios da América Latina do Fórum Econômico Mundial poderia pensar que estava na conferência errada. Pela quantidade de vozes em defesa de avanços sociais para amparar o crescimento na região, o encontro parecia uma edição de sua maior antítese, o Fórum Social de Porto Alegre. Na palestra mais concorrida, quase 500 empresários, líderes e empreendedores sociais dedicaram uma longa sessão de aplauso a dois ícones do capitalismo. O primeiro foi o americano William Rhodes, principal executivo do Citigroup, que defendeu o “desenvolvimento sustentável, que leva em conta a importância do meio ambiente como totalmente compatível com o crescimento econômico”. A grande surpresa saiu do microfone do australiano James Wolfensohn, presidente do Banco Mundial (Bird), para quem “um país não pode ser julgado por seus números, mas por sua população, oportunidades e justiça social. E completou, num recado aos empresários: “Não é possível separar lucro de responsabilidade social.”

Depois de três dias de visita a projetos financiados por sua instituição no Nordeste, na Amazônia e no Rio e antes de seguir para um tête-à-tête com Lula

em Brasília, Wolfensohn decretou a morte do Consenso de Washington, o conjunto de políticas liberalizantes aplicadas como cartilha nos países latinos, e que incluem privatização, desregulamentação do Estado e mercado livre.

Poucas horas antes do discurso à elite econômica, o chefe do Bird arriscou um batuque na escola de samba Mangueira, onde inaugurou o Relógio de Inclusão Digital, um contador atualizado todos os dias na página do Comitê

primeiro colocado no ranking de competitividade em tecnologia da informação elaborado pelo Banco Mundial. O preparo tecnológico é um dos três critérios para avaliar a competitividade de uma nação. Os outros dois são o desempenho macroeconômico e das instituições públicas. Se fosse apenas por esses dois últimos itens, o Brasil estaria atrás do Chile e da Argentina. Ainda assim, está a anos-luz de distância dos países mais preparados para competir no mundo

globalizado, os EUA, a Suécia e Cingapura. “Lutar contra a exclusão digital é uma das formas de combater a pobreza e melhorar a distribuição de renda”, resumiu José Figueres, diretor-geral do Fórum Econômico Mundial.

Não foi só no discurso que a elite econômica mudou. A ecologia também faz parte das preocupações do Fórum. Num exemplo do que pode ser o desenvolvimento sustentável na prática, toda

a poluição gerada pelos participantes durante os três dias da Cúpula da América Latina será compensada com o plantio de novas árvores. Quando crescerem, elas devem absorver as 680 toneladas de gás carbônico lançadas na atmosfera pelas delegações que se hospedaram, consumiram, andaram de avião e de carro pelas ruas do Rio. Com uma particularidade: em vez de crescer em solo carioca, as árvores serão plantadas em Chiapas, no México. É só uma amostra da ecologia nos tempos de economia planetária. ■



**BAGGIO Só 3,4% da América Latina tem acesso à internet**

para a Democratização da Informática (CDI) na internet. O relógio estreou com 23 milhões de brasileiros com acesso à tecnologia e uma multidão de 152,3 milhões de excluídos. “Só 3,4% da América Latina tem acesso à internet, enquanto metade dos americanos e um em cada três europeus estão online”, resume o carioca Rodrigo Baggio, diretor-executivo do CDI.

Apesar de tamanho fosso tecnológico, uma das boas notícias da cúpula econômica foi o poder competitivo brasileiro. O País saltou do oitavo para o